

**A escrevivência¹ como
resistência: o conto *A gente
combinamos de não morrer*
no combate ao racismo na
escola**

**“Escrevivência” as resistance:
the short story *We agreed not
to die in combating racism at
school***

Wallace Rodrigues*

Elionay Ramos Félix**

Matheusa Fernanda Melo da Silva Barros***

Ozelita Dias Caldas de Jesus****



Imperatriz (MA), v. 8, e-0826800, jan./dez. 2026.
ISSN 2675-0805

Recebido em: 18 de outubro de 2025

Aprovado em: 03 de junho de 2026

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o conto *A gente combinamos de não morrer*, de Conceição Evaristo, destacando sua relevância para o trabalho pedagógico na educação básica como instrumento de enfrentamento ao racismo e de valorização da identidade negra. A partir da perspectiva da *escrevivência* — conceito central na obra da autora —, investigamos como a narrativa inscreve as vozes de sujeitos historicamente silenciados e denuncia a violência racial e social que marca o cotidiano brasileiro. O estudo fundamenta-se em referenciais teóricos sobre racismo estrutural (Almeida, 2019), literatura como instrumento humanizador (Candido, 2004), estereótipos de gênero e raça (Castro, 1995), racismo linguístico (Nascimento, 2019), educação e relações étnico-raciais (Lei 10.639/03; Gomes, 2003; Cavalleiro, 2000) e literatura como resistência (Bosi, 2002), entre outros. Os resultados apontam que a literatura de Evaristo ultrapassa o campo da ficção: ela constitui ato de resistência, espaço de denúncia e de

* Pós-doutor pelo Instituto Politécnico de Lisboa - LIACOM/ESCS/IPL (2024-2025) e pela Universidade de Brasília - POSLIT/UnB (2018-2019). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>.

** Doutorando em Linguística e Literatura na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestre em Letras pelo PROFLETRAS na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e literatura - PPGLLit/UFNT. Pós-Graduação em Ensino da Leitura, Escrita e Produção Textual - UNOPAR. Formada em licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e suas literaturas - UFNT. Professora Efetiva da rede Estadual do Tocantins - SEDUC- Araguaína.

**** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e literatura - PPGLLit/UFNT. Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e suas literaturas - UFNT.

¹ O termo *escrevivência* foi cunhado pela escritora Conceição Evaristo para descrever uma forma de escrita nascida da experiência vivida – especialmente a das mulheres negras – em que a memória individual se torna memória coletiva e um ato político de resistência (Evaristo. 2007).

afirmação das memórias negras. Defendemos, assim, que a literatura negra, quando trabalhada na escola, contribui para uma educação antirracista e emancipadora, capaz de reconfigurar as relações étnico-raciais e promover a valorização das identidades historicamente marginalizadas.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Escrivivência; Racismo estrutural; Educação antirracista; Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the short story *A gente combinamos de não morrer* (We Agreed Not to Die) by Conceição Evaristo, highlighting its relevance for pedagogical work in basic education as an instrument for confronting racism and valuing Black identity. Grounded on the concept of *escrevivência* – central to the author's work –, we investigate how the narrative inscribes the voices of historically silenced subjects and denounces the racial and social violence that shapes Brazilian daily life. The study is theoretically informed by discussions on structural racism (Almeida, 2019), literature as a humanizing force (Candido, 2004), gender and racial stereotypes (Castro, 1995), linguistic racism (Nascimento, 2019), education and ethnic-racial relations (Law 10.639/03; Gomes, 2003; Cavalleiro, 2000), and literature as resistance (Bosi, 2002). The findings indicate that Evaristo's writing transcends fiction: it constitutes an act of resistance, a space of denunciation, and an affirmation of Black memory. We argue that Black literature, when included in schools, contributes to an antiracist and emancipatory education, capable of reshaping ethnic-racial relations and promoting the recognition of historically marginalized identities.

Keywords: Afro-Brazilian literature; *Escrivivência*; Structural racism; Antiracist education; Conceição Evaristo.

Introdução

Este artigo resulta dos debates realizados na disciplina *Seminários em Literatura de Língua Portuguesa e Ensino*, ministrada pelo Professor Doutor Wallace Rodrigues no primeiro semestre de 2025, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), acerca da relevância da literatura étnico-racial no contexto escolar. Inserido nesse horizonte de reflexão, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e literário, com o propósito de examinar como a obra de Conceição Evaristo pode contribuir para a problematização do racismo e para o fortalecimento de práticas pedagógicas comprometidas com a educação das relações étnico-raciais. O interesse por esse tema decorre da compreensão de que a literatura afro-brasileira, ao inscrever experiências historicamente silenciadas, amplia o debate sobre desigualdade, memória, violência e resistência no espaço escolar.

Busca-se analisar de que maneira o conto *A gente combinamos de não morrer*, de Conceição Evaristo, fomenta discussões sobre o racismo estrutural, o racismo linguístico, o silenciamento de sujeitos marginalizados pela violência racial e de gênero, bem como sobre o papel da educação étnico-racial no enfrentamento das desigualdades na sociedade brasileira. Defendemos, nesse sentido, que a frase que dá título ao conto não constitui apenas um recurso expressivo da narrativa, mas sintetiza uma experiência concreta de resistência vivida cotidianamente por sujeitos negros periféricos, para os quais sobreviver já é, em si, um gesto de enfrentamento. Assim, o conto evidencia que a violência não opera apenas como pano de fundo da narrativa, mas como força estruturante da vida social, atingindo corpos, trajetórias, linguagens e vínculos comunitários.

A obra de Conceição Evaristo nasce da observação atenta da vida das comunidades negras, sobretudo das periferias urbanas, e se ancora naquilo que a autora conceitua como escrevivência, isto é, uma escrita que emerge da experiência vivida e transforma memória individual em memória coletiva (Evaristo, 2007). Nessa perspectiva, o conto em análise apresenta as trajetórias de Bica, Dorvi, Idago e Neo, personagens do universo ficcional de Evaristo, cujas histórias se entrecruzam sob o signo da violência, do medo e da precariedade, mas também da insistência em permanecer vivos. A escolha por destacar esses quatro jovens decorre do fato de que suas experiências condensam, sob diferentes ângulos, a condição da juventude negra periférica diante do abandono estatal, da vulnerabilidade social e da ameaça constante da morte precoce. Ao mesmo tempo, suas vozes permitem compreender como a escrevivência, longe de se restringir a uma elaboração estética, constitui também uma forma de denúncia e de resistência.

À luz de Alfredo Bosi (2002), para quem resistir significa opor a força própria à força alheia, este artigo parte do entendimento de que o conto de Evaristo inscreve, no plano literário, uma resistência que é também social, histórica e corporal. Em vez de naturalizar a morte de jovens negros como dado ordinário da vida nas periferias, a narrativa a confronta por meio da palavra, da memória e da construção de um pacto coletivo de sobrevivência. Desse modo, argumentamos que *A gente combinamos de não morrer* articula literatura e vida de maneira profunda, convertendo a experiência da dor em linguagem crítica e fazendo da narrativa um espaço de enfrentamento ao racismo e de afirmação da dignidade humana.

Para desenvolver essa discussão, o artigo organiza-se em quatro momentos. Inicialmente, aborda a literatura como forma de resistência, a partir das contribuições de Alfredo Bosi (2002), aproximando essa perspectiva da escrita de Conceição Evaristo. Em seguida, discute-se a relação entre literatura e educação das relações étnico-raciais, com base na Lei 10.639/03 e nas reflexões de Nilma Lino Gomes (2003) e Eliane Cavalleiro (2000). Posteriormente, analisa-se o conto como espaço de denúncia, enfatizando como as vozes de Bica, Dorvi, Idago e Neo revelam diferentes experiências de violência e sobrevivência. Por fim, examinam-se os modos pelos quais a narrativa explicita o racismo estrutural e linguístico, apontando sua potência para o trabalho pedagógico antirracista na escola.

As contribuições deste estudo situam-se, portanto, em dois planos complementares. No primeiro, busca-se ampliar a leitura crítica do conto de

Conceição Evaristo, evidenciando que sua força literária reside não apenas na denúncia da violência, mas na construção de uma escrita que insiste na vida, na memória e na resistência negra. No segundo, pretende-se demonstrar que a inserção dessa narrativa no contexto escolar pode fortalecer práticas pedagógicas voltadas para a educação antirracista, para a valorização das identidades negras e para o questionamento das narrativas hegemônicas que historicamente inferiorizaram a população negra. Nessa direção, compreende-se que a literatura afro-brasileira, quando trabalhada criticamente na escola, constitui importante instrumento de formação ética, social e política.

Literatura e Resistência: Conceição Evaristo à luz de Alfredo Bosi

A literatura, como lembra Alfredo Bosi (2002), não se reduz a um exercício estético descolado da vida social, mas pode constituir-se como forma de resistência diante das forças históricas que produzem silenciamento, exclusão e violência. Para o autor, resistir implica opor uma força própria à força alheia, gesto que, no campo literário, se manifesta quando a palavra rompe com a naturalização da opressão e restitui visibilidade àquilo que a ordem dominante tenta apagar. Nessa direção, a literatura não apenas representa conflitos sociais, mas também intervém simbolicamente neles, desestabilizando discursos hegemônicos e abrindo espaço para outras formas de memória, experiência e existência.

Essa compreensão é particularmente fecunda para a leitura da obra de Conceição Evaristo, cuja escrita se inscreve no horizonte da resistência ao transformar em matéria literária experiências historicamente marginalizadas. Em seus textos, a vida da população negra, especialmente das mulheres, crianças e jovens periféricos, deixa de ocupar um lugar secundário ou estereotipado e passa a ser enunciada desde dentro, por meio de vozes que narram a dor, a perda, o medo e, simultaneamente, a insistência em viver. É nesse ponto que a escrevivência se articula à noção de resistência proposta por Bosi (2002), pois a escrita de Evaristo não apenas recorda o sofrimento imposto pelo racismo estrutural, mas recusa a sua banalização, convertendo a experiência vivida em memória coletiva e em gesto político de enfrentamento.

No conto *A gente combinamos de não morrer*, essa resistência não aparece como heroísmo abstrato nem como superação idealizada da violência. Ao contrário, ela se constrói no interior da precariedade, no cotidiano de sujeitos atravessados pela pobreza, pelo medo e pela ameaça constante da morte. A força da narrativa reside justamente em evidenciar que, para a juventude negra periférica, resistir não significa viver fora da violência, mas continuar afirmando a vida mesmo quando o mundo social a torna permanentemente vulnerável. O título do conto, nesse sentido, já antecipa o núcleo da resistência que Evaristo elabora: “combinar de não morrer” é formular, pela linguagem, um pacto de sobrevivência diante de uma realidade que produz a morte como destino socialmente esperado para determinados corpos.

Essa formulação é decisiva porque desloca a leitura da resistência de um plano apenas individual para uma dimensão coletiva. O verbo “combinamos”

sugere acordo, vínculo e partilha, o que permite compreender que a permanência na vida, no universo do conto, não depende apenas da vontade isolada de cada personagem, mas de uma rede afetiva e comunitária que se constrói em meio à violência. Assim, a narrativa de Evaristo não oferece apenas a exposição da dor, mas a elaboração literária de uma ética da sobrevivência comum. É nesse ponto que sua escrita resiste: ela confronta a lógica que naturaliza a morte da população negra periférica e afirma, ainda que sob extrema tensão, a dignidade da existência negra.

Ao colocar em cena personagens como Bica, Dorvi, Idago e Neo, o conto explicita que a resistência assume formas diversas, atravessadas por gênero, idade, medo, perda e pertencimento comunitário. Essas personagens não devem ser lidas como figuras exemplares no sentido idealizado, mas como sujeitos marcados por contradições e vulnerabilidades, cujas trajetórias revelam como a violência racial e social opera no cotidiano. Ao mesmo tempo, suas presenças desmentem a ideia de passividade frequentemente atribuída às populações periféricas, pois, mesmo sob ameaça, continuam produzindo laços, linguagem, memória e desejo de futuro. Nesse aspecto, a resistência literária de Evaristo se realiza tanto no conteúdo narrado quanto na escolha de focalizar vidas que a narrativa hegemônica muitas vezes relegou ao silêncio ou à morte simbólica.

A leitura de Bosi (2002) permite compreender, portanto, que a resistência em Evaristo não se limita ao tema da denúncia. Ela se realiza também no próprio gesto de escrever a partir de sujeitos negros historicamente excluídos do centro da representação literária brasileira. Ao dar espessura humana, afetiva e política às experiências dessas personagens, a autora rompe com imagens cristalizadas da negritude e inscreve, na literatura, uma memória que contesta a ordem racial dominante. Sua narrativa resiste porque nomeia a violência, mas também porque impede que essa violência tenha a última palavra. Em vez de reiterar o apagamento, a escrita preserva vozes, conflitos e lembranças que afirmam o direito à existência.

Desse modo, ler *A gente combinamos de não morrer* à luz de Alfredo Bosi implica reconhecer que o conto não apenas tematiza a resistência, mas a encena formal e politicamente. A resistência está na escolha das vozes que narram, na centralidade conferida às experiências negras periféricas, na recusa da morte como destino natural e na transformação da palavra em espaço de denúncia e de permanência. Por isso, a literatura de Conceição Evaristo pode ser entendida como um campo de enfrentamento simbólico ao racismo, no qual escrever e narrar tornam-se formas de preservar vidas que a história social brasileira tantas vezes tentou reduzir ao silêncio.

Educação e Relações Étnico-Raciais: o conto de Evaristo como prática pedagógica antirracista

O conto *A gente combinamos de não morrer*, de Conceição Evaristo, coloca em cena personagens negras periféricas cujas trajetórias revelam a violência cotidiana produzida pelo racismo, pela exclusão social e pela ausência do Estado. Ao apresentar sujeitos que vivem sob ameaça constante, mas que ainda assim constroem formas de permanecer vivos, a narrativa convoca a escola a assumir seu

papel como espaço de reflexão crítica, resistência e reexistência. Essa perspectiva dialoga diretamente com a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, com o objetivo de reconhecer e valorizar a contribuição histórica, social, política e cultural da população negra na formação do país. No entanto, a força do conto de Evaristo, quando levado para o espaço escolar, não está apenas em cumprir uma exigência legal, mas em permitir que a escola confronte experiências concretas de dor, medo, silenciamento e luta pela vida que atravessam o cotidiano de muitos estudantes negros.

Nilma Lino Gomes (2003) destaca que a implementação da Lei 10.639/03 não pode se restringir à inclusão pontual de conteúdos no currículo, pois exige mudanças mais profundas nas práticas pedagógicas, nas relações escolares e nos modos de compreender a história e a identidade negra. Nessa direção, a literatura de Conceição Evaristo se apresenta como ferramenta potente para a educação antirracista, porque não oferece uma visão abstrata da desigualdade, mas faz emergir vozes negras que narram, desde dentro, a experiência da violência e da resistência. No conto em questão, personagens como Dorvi e Bica, por exemplo, evidenciam que a juventude negra periférica não vive apenas a carência material, mas também a permanente vulnerabilidade diante da morte, do medo e da desproteção. Já Idago e Neo ajudam a ampliar essa percepção ao mostrar que a violência racial não se resume a episódios isolados, mas compõe uma estrutura que atravessa relações familiares, afetivas e comunitárias. Quando essas vozes entram na sala de aula, elas deslocam narrativas hegemônicas e permitem que os estudantes compreendam o racismo não como exceção, mas como parte constitutiva da formação social brasileira.

Nesse sentido, a escrevivência de Evaristo transforma experiências individuais em memórias coletivas de resistência porque a dor vivida por uma personagem nunca permanece restrita a uma dimensão privada. Ao narrar a ameaça que recai sobre corpos negros periféricos, o conto inscreve literariamente uma experiência compartilhada por milhares de jovens que, nas periferias brasileiras, aprendem desde cedo a conviver com o luto, a vigilância, a suspeita e a possibilidade real de morrer precocemente. A literatura, então, não apenas representa uma trajetória singular, mas a converte em memória social, permitindo que aquilo que poderia permanecer como sofrimento isolado se torne reconhecimento coletivo, denúncia histórica e elaboração crítica. É justamente nesse movimento que a narrativa de Evaristo assume força pedagógica: ao ler o conto, o estudante não entra apenas em contato com personagens ficcionais, mas com experiências que ecoam a realidade de muitos sujeitos negros no Brasil contemporâneo.

A escola, nesse processo, precisa assumir uma posição ativa porque ela mesma, muitas vezes, participa da reprodução do racismo. Como assinala Cavalleiro (2000), o silêncio sobre as desigualdades raciais no ambiente escolar contribui para cristalizar hierarquias e reforçar a inferiorização de estudantes negros. Além disso, para muitas crianças e adolescentes, é justamente na escola que surgem as primeiras experiências explícitas de discriminação racial, seja por meio de apelidos, exclusões, estereótipos sobre seus corpos e cabelos, seja pela desvalorização de suas referências culturais e linguísticas. Em muitos casos, é

também nesse espaço que estudantes negros passam a perceber que são tratados de forma distinta e que a cor da pele, os traços fenotípicos e a origem social podem se converter em marcadores de violência simbólica. Por essa razão, a escola não pode limitar-se a uma postura neutra ou comemorativa diante da questão racial; ela precisa assumir-se como espaço de reparação, escuta, enfrentamento e transformação. A Lei 10.639/03 nasce, justamente, da necessidade de combater essas violências históricas e contradizer narrativas hegemônicas que invisibilizaram ou inferiorizaram a população negra.

Quando o conto de Evaristo é trabalhado criticamente em sala de aula, ele oferece condições concretas para esse enfrentamento. A trajetória das personagens permite discutir com os estudantes como o racismo estrutura desigualdades, como a violência atinge de modo desproporcional a juventude negra e como a resistência, nas periferias, não se traduz em heroísmo abstrato, mas em estratégias cotidianas de sobrevivência. O “combinado” de não morrer, nesse contexto, pode ser lido pedagogicamente como expressão de uma coletividade que se organiza afetiva e simbolicamente para continuar existindo, apesar da brutalidade do mundo social. Assim, a leitura do conto favorece debates sobre direito à vida, dignidade, pertencimento, memória, desigualdade racial e políticas de exclusão, ao mesmo tempo que amplia o repertório literário dos estudantes com uma obra afro-brasileira de grande densidade estética e política.

Desse modo, a literatura de Conceição Evaristo, inserida no currículo escolar, deixa de ser apenas objeto de apreciação formal e se torna prática pedagógica antirracista. Sua potência reside em possibilitar que a escola reconheça a centralidade da experiência negra na formação do país, questione os mecanismos que naturalizam a violência racial e promova uma educação comprometida com a valorização das identidades historicamente marginalizadas. Trabalhar o conto *A gente combinamos de não morrer* em sala de aula significa, portanto, criar condições para que a literatura atue como instrumento de humanização, consciência crítica e transformação social, reafirmando o papel da escola na construção de relações étnico-raciais mais justas.

A literatura como espaço de denúncia: o conto *A gente combinamos de não morrer*

Durante muito tempo, a literatura brasileira foi construída a partir de uma perspectiva centrada na narrativa hegemônica, isto é, num ponto de vista que privilegiou sujeitos, experiências e valores das classes dominantes, relegando à margem as vozes negras, periféricas e populares. A emergência de escritoras como Conceição Evaristo desloca esse eixo e inscreve na cena literária experiências historicamente silenciadas, permitindo que a literatura se torne não apenas espaço de representação, mas também de denúncia, confronto e memória. Nesse sentido, o conto *A gente combinamos de não morrer*, presente na obra *Olhos d'água*, apresenta um universo marcado pela violência urbana, pela precarização da vida negra e pela ausência de garantias mínimas de existência, mas sem reduzir seus personagens à condição de vítimas passivas. Ao contrário, a narrativa mostra

como, em meio à ameaça constante, esses sujeitos constroem pactos, laços e estratégias de sobrevivência.

É nesse ponto que a reflexão de Antonio Candido (2004) se torna produtiva. Ao afirmar que a literatura “confirma, nega, propõe e denuncia”, o autor chama atenção para sua capacidade de fazer o leitor viver dialeticamente os problemas sociais. No conto de Evaristo, essa potência se realiza porque a narrativa não suaviza a brutalidade do mundo periférico nem a transforma em mero cenário. A violência aparece como estrutura cotidiana da existência, atravessando afetos, decisões, medos e expectativas. Assim, a literatura não apenas retrata uma realidade social, mas obriga o leitor a encará-la a partir das vozes daqueles que a experimentam no corpo e na memória.

A denúncia, contudo, não se organiza de modo abstrato. Ela ganha espessura nas trajetórias de Dorvi, Bica, Idago e Neo, cujas experiências não são idênticas, embora estejam atravessadas por uma mesma ordem social marcada pela vulnerabilização da juventude negra. Dorvi aparece como aquele que percebe com nitidez o cerco da morte e a quase impossibilidade de escapar ao destino já traçado para corpos como o seu. Quando afirma: “Penso o risco que estou correndo. Risco não, tudo já está certo. A solução está definida. O destino traçado” (Evaristo, 2014, p. 106), sua fala não expressa apenas medo individual, mas a consciência de que, para muitos jovens negros da periferia, viver significa conviver diariamente com a previsão social da própria morte. A narrativa de Dorvi, portanto, evidencia que o racismo e a violência não operam somente por meio do ataque físico direto, mas também pela produção de destinos antecipadamente limitados.

Bica, por sua vez, introduz outra dimensão dessa denúncia. Sua fala, atravessada pelo medo, não resulta em recuo, mas em avanço: “Não sei por que o medo, se ao menos o medo me fizesse recuar; pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção do medo” (Evaristo, 2014, p. 100). Aqui, Evaristo formula um dos núcleos mais potentes do conto. O medo não desaparece, nem é superado romanticamente; ele permanece, mas é incorporado como parte da própria luta pela permanência na vida. Bica não representa coragem no sentido heroico tradicional. Ela encarna uma coragem tensa, precária e concreta, própria de quem segue vivendo apesar do terror que a cerca. Por isso, sua experiência mostra que, em contextos de violência extrema, sobreviver já é a primeira e mais urgente forma de resistência, anterior até mesmo à reivindicação de outros direitos.

Idago e Neo ampliam esse quadro ao mostrar que a violência não recai de modo isolado sobre um único sujeito, mas atinge toda uma rede de sociabilidade periférica. Neo aparece ligado a um universo em que a queda pode ser repentina, brutal e quase sempre irreversível, como sugere a expressão “A casa de Neo caiu, aprontou, dançou!” (Evaristo, 2014, p. 107). A frase carrega a oralidade do espaço social de onde emerge, mas também revela a rapidez com que vidas negras podem ser interrompidas e convertidas em notícia breve, boato ou comentário banalizado. Idago, por sua vez, integra esse pacto de sobrevivência como parte de uma juventude que aprende cedo a viver sob código de alerta, lealdade e risco. Assim, os quatro personagens não funcionam como simples nomes citados no texto, eles

compõem, em conjunto, um mosaico da experiência negra periférica, no qual cada trajetória ilumina uma face da violência e da resistência.

É nesse contexto que a frase-título do conto exige leitura mais aprofundada. A *gente combinamos de não morrer* não é apenas marca de oralidade, nem apenas frase de efeito. Trata-se da formulação condensada de uma ética da sobrevivência. O verbo “combinamos” sugere pacto, acordo, decisão compartilhada. Não se trata de uma vontade isolada, mas de uma resolução coletiva diante de um mundo que continuamente empurra determinados sujeitos para a morte precoce. O conto mostra, assim, que a sobrevivência negra periférica não é simples dado biológico, mas construção cotidiana, relacional e comunitária. Combinar não morrer significa vigiar-se, proteger-se, reconhecer o perigo, criar alianças, sustentar afetos e insistir na vida mesmo quando tudo ao redor aponta para o contrário.

Há ainda outra camada decisiva nessa frase. O uso de “a gente combinamos”, forma constantemente corrigida pela norma culta, produz um gesto duplo: afirma a voz social das periferias e, ao mesmo tempo, inscreve na própria linguagem a recusa ao silenciamento. A frase central do conto denuncia não só a violência material que ameaça os personagens, mas também a violência simbólica que inferioriza suas formas de falar. Por isso, a profundidade do enunciado está em reunir, num mesmo movimento, vida, linguagem e resistência. A personagem negra periférica não apenas diz que quer viver; ela diz isso numa forma de fala marcada socialmente, revelando que a luta contra a morte também passa pelo direito de existir com sua memória, sua voz e sua inscrição linguística.

Sob essa perspectiva, a literatura de Evaristo atua como contradiscurso. Como aponta Andrade (2018), a autorrepresentação da mulher negra na literatura permite repensar a história do país ao questionar a historiografia oficial e oferecer novos modos de compreender as vivências negras. Essa observação ajuda a entender por que o conto não deve ser lido apenas como denúncia da dor. Sua força está em recusar a história única sobre a população negra, frequentemente reduzida à carência, à criminalização ou ao estereótipo. Ao dar centralidade a personagens como Bica, Dorvi, Idago e Neo, Evaristo rompe com a tradição canônica que durante séculos marginalizou essas experiências e mostra que a literatura pode reescrever o imaginário nacional a partir das vozes antes excluídas.

Nesse mesmo sentido, a contribuição de Castro (1995) é importante ao defender que a escola precisa ensinar não apenas a violência da escravização, mas também as histórias de resistência e as contribuições político-culturais dos povos negros. O conto de Evaristo responde diretamente a essa exigência, pois transforma a experiência da ameaça em memória de resistência. Ele denuncia a violência policial, a vulnerabilidade social, o abandono estatal e a banalização da morte negra, mas também mostra que, mesmo sob cerco, os sujeitos constroem formas de existir e de narrar a própria existência. A denúncia, portanto, não se separa da afirmação da vida.

Por isso, quando inserido no espaço escolar, o conto ultrapassa a função de objeto literário a ser apenas interpretado formalmente. Ele se converte em instrumento pedagógico de leitura crítica da sociedade brasileira, permitindo discutir racismo, violência, desigualdade, gênero, juventude negra e direito à vida

sem apagar a dimensão estética da obra. Sua potência educativa reside precisamente no fato de que a denúncia não vem de fora, como explicação abstrata sobre a realidade, mas de dentro da experiência narrada, pela voz de personagens que tornam visível aquilo que a ordem social tenta naturalizar ou esconder. É nesse movimento que a literatura de Conceição Evaristo se afirma como espaço de denúncia, resistência e formação crítica.

Racismo estrutural e linguístico

De acordo com Almeida (2019, p. 35), “o racismo é um processo político”, isto é, não se trata de um comportamento isolado ou de mera atitude individual, mas de uma engrenagem histórica e social que organiza lugares de poder, distribui privilégios e naturaliza desigualdades. Nessa perspectiva, o racismo estrutural opera na própria constituição das instituições, das normas, dos imaginários e das práticas sociais, afetando de modo contínuo a vida da população negra. Sua força reside justamente no fato de parecer, muitas vezes, normal, cotidiano e inevitável. Por isso, compreendê-lo exige observar não apenas episódios explícitos de discriminação, mas também os mecanismos que fazem com que determinados grupos estejam mais expostos à violência, à precariedade, à morte e ao silenciamento. O conto *A gente combinamos de não morrer*, de Conceição Evaristo, permite visualizar literariamente esses mecanismos ao inscrever, no centro da narrativa, sujeitos cuja existência é marcada por um destino social já previamente limitado pelo pertencimento racial e pela condição periférica.

No conto, Dorvi, Bica, Idago e Neo não aparecem apenas como personagens atingidos por circunstâncias trágicas, mas como jovens cujas vidas se desenrolam em um contexto no qual a violência já se apresenta como horizonte esperado. Isso se evidencia, de modo contundente, na fala de Dorvi: “Penso o risco que estou correndo. Risco não, tudo já está certo. A solução está definida. O destino traçado” (Evaristo, 2014, p. 106). O peso dessa afirmação está em revelar que o perigo não é percebido como acaso, mas como destino socialmente produzido. Dorvi reconhece que sua trajetória já foi antecipadamente enquadrada por uma lógica que reserva à juventude negra periférica a suspeição, a exclusão e a morte precoce. Nesse sentido, o conto torna visível aquilo que o racismo estrutural realiza de forma silenciosa: a produção de vidas permanentemente expostas ao risco, como se fossem menos dignas de proteção e de futuro.

Essa estrutura atinge não apenas o corpo individual, mas toda a rede de sociabilidade em que esses sujeitos vivem. O pacto anunciado no título, firmado entre Dorvi, Bica, Idago e Neo, surge justamente como resposta a um mundo em que sobreviver deixou de ser uma condição garantida para tornar-se exercício diário de resistência. O “combinado” de não morrer expressa, portanto, mais do que amizade ou solidariedade ocasional: ele nomeia uma tentativa coletiva de enfrentar a engrenagem que empurra jovens negros para a morte. Entretanto, a própria narrativa demonstra a brutalidade dessa estrutura ao indicar que, mesmo quando há pacto, afeto e desejo de viver, os personagens continuam submetidos à violência urbana, à criminalização e às ações repressivas que marcam o cotidiano

das periferias. Assim, Evaristo não romantiza a resistência; ela evidencia a desigualdade entre a força da vida desejada pelos sujeitos e a força do sistema que insiste em negar-lhes essa vida.

A degradação da vida negra aparece também na imagem forte construída pela narradora: “A morte incendeia a vida, como se essa estopa fosse. A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo” (Evaristo, 2014, p. 99-100). Trata-se de uma formulação que condensa, em linguagem poética, a desumanização imposta à população negra e periférica. Ao aproximar a vida de elementos inflamáveis, descartáveis ou socialmente desprezados, o conto denuncia uma ordem racial que torna certos corpos mais matáveis, mais vulneráveis e mais facilmente reduzidos a restos. Nesse ponto, a literatura de Evaristo não apenas representa a violência, mas desvela sua lógica profunda: a vida negra, em uma sociedade racista, é frequentemente tratada como existência de menor valor, passível de abandono, consumo e eliminação. A força crítica do texto está em tornar essa naturalização insuportável ao leitor.

Bica, por sua vez, permite compreender que o racismo estrutural não produz apenas morte, mas também um estado contínuo de tensão subjetiva. Quando afirma: “Não sei por que o medo, se ao menos o medo me fizesse recuar; pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção do medo” (Evaristo, 2014, p. 100), a personagem evidencia que o medo não é simples sentimento privado, mas resposta concreta a uma realidade historicamente hostil. Seu avanço não anula o medo; antes, mostra que a resistência negra, em contextos de opressão, se dá precisamente no interior da ameaça. Essa experiência é decisiva para a leitura do conto, pois revela que sobreviver, para sujeitos como Bica, não significa ausência de dor ou de perigo, mas capacidade de seguir existindo mesmo quando a estrutura social transforma o medo em condição permanente.

A discussão do racismo estrutural, contudo, no conto de Evaristo, não pode ser separada da dimensão linguística. A narrativa é atravessada por marcas de oralidade, expressões populares e construções sintáticas que remetem ao universo social das periferias, como se vê em enunciados como “A gente combinamos de não morrer”, “A casa de Neo caiu, aprontou, dançou!” e “Feriu o código da honra, o jogo é limpo, traiu, caiu” (Evaristo, 2014, p. 99, 102, 107). Essas formas de dizer não constituem desvios a serem corrigidos, mas inscrições legítimas de uma experiência social, cultural e histórica. Ao escolher essa linguagem, Evaristo rompe com a expectativa de uma norma literária homogênea e prestigiosa, afirmando que a voz periférica pode e deve ocupar o espaço da literatura com sua cadência própria, sua memória e seus códigos de pertencimento.

É justamente nesse ponto que a reflexão de Nascimento (2019) sobre racismo linguístico se torna fundamental. Se a língua também participa das estruturas de poder, então os ataques dirigidos a determinadas formas de fala não são apenas correções gramaticais neutras, mas modos de inferiorizar sujeitos, territórios e identidades. No Brasil, onde a maioria da população é negra, desqualificar sistematicamente formas populares de expressão significa, em larga medida, reproduzir uma violência que atinge sobretudo corpos negros e periféricos. Por isso, a frase-título do conto merece atenção especial: A gente combinamos de não morrer reúne, num só enunciado, a recusa da morte física e a

recusa do apagamento linguístico. A personagem não reivindica apenas o direito de viver; ela reivindica esse direito a partir de sua própria fala, de seu lugar social e de sua forma de significar o mundo.

Desse modo, o racismo linguístico aparece no conto como desdobramento do racismo estrutural. A mesma sociedade que desprotege a vida negra é também aquela que estigmatiza sua linguagem, como se falar de modo não alinhado à norma culta fosse sinal de inferioridade intelectual ou moral. Evaristo enfrenta esse mecanismo ao transformar a oralidade periférica em potência estética e política. A linguagem do conto não é empobrecida; ela é densa, significativa e socialmente situada. Ao levá-la para o centro da narrativa, a autora denuncia a violência simbólica que recai sobre essas formas de fala e desafia hierarquias linguísticas que, sob aparência técnica, frequentemente reproduzem exclusões raciais e de classe.

No contexto escolar, essa discussão é especialmente relevante. O conto de Evaristo pode funcionar como instrumento potente para problematizar preconceitos linguísticos, questionar a associação entre norma padrão e superioridade humana e mostrar aos estudantes que toda língua é atravessada por fatores sociais, históricos e culturais. Mais do que ensinar variação linguística em termos abstratos, a leitura do conto permite evidenciar que certas avaliações sobre a fala carregam marcas de discriminação racial e social. Assim, trabalhar *A gente combinamos de não morrer* na escola possibilita discutir, simultaneamente, direito à vida, direito à voz e direito à palavra, articulando literatura, linguagem e educação antirracista de forma crítica e transformadora.

Em síntese, o conto de Conceição Evaristo revela que o racismo estrutural e o racismo linguístico não são dimensões separadas, mas engrenagens complementares de um mesmo sistema de exclusão. Enquanto um produz a vulnerabilidade material, a exposição à morte e o abandono social, o outro atua na desqualificação simbólica das vozes que emergem desses espaços. Ao narrar as trajetórias de Dorvi, Bica, Idago e Neo e ao afirmar a oralidade periférica como matéria literária, Evaristo desestabiliza essa ordem e transforma a literatura em espaço de denúncia, de resistência e de reexistência.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos analisar o conto *A gente combinamos de não morrer*, de Conceição Evaristo, como narrativa literária de resistência, denúncia e potência pedagógica no enfrentamento ao racismo. Partimos do entendimento de que a literatura afro-brasileira, especialmente aquela produzida a partir da escrevivência, ocupa lugar fundamental na revelação de experiências historicamente silenciadas e na problematização das desigualdades raciais que estruturam a sociedade brasileira. Nesse percurso, discutimos a literatura como forma de resistência à luz de Alfredo Bosi (2002), refletimos sobre a contribuição da obra de Evaristo para a educação das relações étnico-raciais, analisamos o conto como espaço de denúncia da violência que incide sobre a juventude negra periférica e, por fim, examinamos como o racismo estrutural e o racismo linguístico se articulam na narrativa. Esse movimento analítico permitiu

compreender que o conto não se limita a representar a dor social, mas transforma essa dor em linguagem crítica, memória e enfrentamento.

A análise desenvolvida ao longo do texto confirma o argumento central aqui defendido: a frase *A gente combinamos de não morrer* condensa o núcleo político, estético e ético do conto, uma vez que traduz, em chave coletiva, a recusa da morte como destino naturalizado para a juventude negra periférica. As trajetórias de Dorvi, Bica, Idago e Neo mostraram que a violência não aparece na narrativa como evento isolado, mas como estrutura que organiza a precariedade da vida, a exposição ao medo, a vulnerabilidade dos corpos e a banalização da morte negra. Ao mesmo tempo, essas personagens evidenciam que a resistência não se dá fora do sofrimento, mas no interior dele, como insistência em viver, em falar e em permanecer. Nesse sentido, consideramos que os objetivos do artigo foram alcançados, pois foi possível demonstrar que o conto de Conceição Evaristo contribui de forma significativa para a reflexão sobre literatura, racismo, resistência e educação antirracista, ao articular denúncia social, elaboração estética e afirmação da dignidade humana.

Ademais, a frase-título do conto merece destaque particular porque ultrapassa a condição de recurso expressivo ou marca de oralidade. *A gente combinamos de não morrer* constitui a formulação de um pacto de sobrevivência diante de um mundo que, histórica e socialmente, tem empurrado a população negra para a exclusão, o silenciamento e a morte precoce. O enunciado é potente porque reúne, numa mesma estrutura, coletividade, resistência e linguagem. O “combinamos” revela que a sobrevivência, no universo do conto, não é apenas questão individual, mas construção afetiva, comunitária e política. Além disso, ao aparecer em uma forma linguística constantemente estigmatizada pela norma culta, a frase também denuncia o racismo linguístico e afirma o direito de existir com a própria voz. No contexto escolar, essa formulação torna-se especialmente fecunda, pois permite discutir simultaneamente literatura, variação linguística, direito à vida, preconceito racial e valorização das experiências negras. Assim, o conto oferece à escola a possibilidade de desenvolver práticas de leitura comprometidas não apenas com a interpretação textual, mas com a formação ética e crítica dos estudantes.

Dessa forma, entende-se que o artigo pode contribuir para ampliar o repertório de professores, estudantes, pesquisadores e famílias no debate sobre a literatura afro-brasileira e sua função social. No campo educacional, espera-se que esta reflexão sirva de suporte para docentes que desejem trabalhar textos literários negros de maneira crítica, sensível e comprometida com a educação antirracista, conforme os princípios da Lei 10.639/03. Para além da escola, o estudo também pode colaborar para que leitores em geral reconheçam a importância de narrativas que desnaturalizam a violência racial e afirmam a centralidade das vozes negras na literatura brasileira contemporânea. Ao trazer para o centro da análise as vidas de Dorvi, Bica, Idago e Neo, bem como a densidade da frase que intitula o conto, este artigo reafirma que ler Conceição Evaristo é também confrontar as estruturas que produzem a morte e, ao mesmo tempo, aprender com as formas de resistência que insistem em fazer da palavra um lugar de vida.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDRADE, Lucas Toledo de. A autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 167-178, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39801>. Acesso em: set. de 2025.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CASTRO, Mary Garcia. **Gênero e raça: desafios à escola**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 1995.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da mulher negra. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de; EVARISTO, Conceição (org.). **Escritos de mulheres negras: insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. p. 15 -24.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>. Acesso em: set. 2025.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.